

A low-angle, upward-looking photograph of the Eiffel Tower in Paris. The tower's intricate iron lattice structure is visible, extending from the bottom right towards the top right of the frame. The sky is filled with large, dramatic, grey and white clouds, creating a moody atmosphere. The tower's name is inscribed on the lattice in various languages, including "EIFFEL" and "PARIS".

RELATO

QUANDO O SONHO DO PAÍS IDEAL EM BUSCA DO FUTURO PÕE EM RISCO A EXISTÊNCIA DO PRESENTE

<https://dx.doi.org/10.59068/24476137sonho>



Júlia Maria Suleiman do Nascimento

psijulia.suleiman@gmail.com

Formada em Psicologia pela Universidade Positivo, Mestre em Psicanálise pela Universidade Paul Valéry III, formação em atendimento a migrantes pela Universidade Paris 7, pesquisadora na área de migrações atuando na clínica com brasileiros vivendo fora do país desde 2017.

Quando o sonho do país ideal em busca do futuro põe em risco a existência do presente

**When the dream of the ideal country in search of the future places
the existence of the present at risk**

**Cuando el sueño del país ideal pone en riesgo la existencia
del presente**

Um processo de imigração repentino na adolescência

Entre os anos de 2020 e 2021 (início da epidemia do Covid – 19) atendi um caso que me chamou muita atenção: uma adolescente de 13 anos que mudou com os pais para a Europa e que a família me procurou por conta de problemas que foram, em um primeiro momento, reduzidos a adaptação da jovem ao novo colégio e da sua relação estremecida com os pais desde a mudança. Logo no início dos atendimentos foi possível perceber que a jovem apresentava uma total repulsa ao país, aos costumes, à língua e tudo no que se referia ao novo ambiente.

A paciente nasceu em uma grande cidade do Brasil e desde os três anos começou a frequentar uma escola não tradicional, ambiente em que se sentia plenamente à vontade e que possuía um grupo de amigos que haviam crescido juntos, além de receber uma educação muito particular visto a pedagogia singular da instituição.

A mudança aparece no discurso familiar a partir de uma herança recebida pelos genitores que possibilitaria a eles investir em uma vida no exterior visando, assim, a busca por uma ótima formação escolar e acadêmica da filha em “um país de primeiro mundo” (SIC), no qual a rebenta teria acesso a tudo do “bom e do melhor” (SIC), podendo se transformar em uma ótima profissional - sem ao menos questionarem o que a filha gostaria de estudar em seu futuro, e como ela se sentia a respeito da mudança, a título de, ao menos, uma abertura de diálogo.

Diante da possibilidade financeira que se abre, o casal toma essa decisão de forma repentina e muito abrupta, sem levar em consideração a profundidade e complexidade dos desejos de vida, não só da jovem como de si mesmos, buscando algo muito atrelado a um ideal do que seria uma boa vida, sem ao menos considerarem um outro ponto importante: a jovem chegou ao país sem falar a língua, assim como sua mãe e seu pai, que falavam muito pouco, o que me chamou bastante atenção, quase como algo da negação da complexidade e das questões que viriam ser enfrentadas na dinâmica de uma vida.

A idéia de que o acesso financeiro possibilitaria e abriria as portas necessárias revelou que houve uma preparação precária e até mesmo uma desconsideração para as questões psicológicas, subjetivas e até mesmo burocráticas pertinentes ao processo, como se os pais não vislumbassem o tamanho da mudança que estava prestes a acontecer, caindo no discurso do senso comum que as crianças e os adolescentes fossem esponjas que se adaptam muito facilmente. Fato este que ao longo dos anos tenho percebido de forma cada vez mais presente no que chamamos de *Diáspora Brasileira*.

Nas primeiras entrevistas ambos disseram que haviam decidido mudar de país para proporcionar um futuro melhor à filha, porém em nenhum momento a jovem foi considerada frente à decisão e ao processo de mudança. Muito pelo contrário, em uma viagem de férias meses antes da partida ela foi informada que deveria escolher a cidade na qual a família mudaria-se dentro de alguns meses; como se a notícia fosse um presente ou um prêmio, mas que toma um lugar completamente contrário: foi um imenso choque a partir do qual a garota desencadeou um estado depressivo, em que ela não comia e pouco falava com os pais nos meses seguintes.

A adolescência é tempo de se desenvolver, crescer. É tempo também de experimentar os sofrimentos e adoecimentos que perpassam esta travessia, um segundo nascimento: um nascimento do sujeito para o espaço social adulto, um percurso.

Uso aqui a palavra travessia inspirada na imagem de uma ponte que une a dimensão infantil e pré-adolescente do jovem, ao início da dimensão adulta. A travessia se dá por esta ponte na qual o que é real se apresenta, como nos ensina Guimarães Rosa. Diz ele: “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 1994, p. 86).

Estando neste novo país, a relação de P⁴² com seu entorno foi abalada por conta da nova realidade: com um fuso horário de 4 a 5 horas do Brasil, seus amigos de uma vida inteira já não eram possíveis de se ter tanto acesso, mesmo com a internet, e convívio com pares era quase inexistente visto que fazer amizades se tornava muito difícil visto que a jovem nem sequer foi introduzida ao novo idioma antes da mudança.

Estes fatores faziam com que a jovem estivesse cada vez mais em um estado depressivo importante, o que consequentemente a impedia de realizar novos investimentos e que eram agravados pela forma como seus pais agiam mais lhe forçando a uma integração e lembrando-a que estava lá por conta dela, do que encontrando formas de lhe ajudarem a encontrar novos interesses ou de sequer instigar formas de a jovem ter curiosidade com seu entorno.

Faltavam-lhe motivos presentes para tentar construir uma forma de estar ali, a relação com os pais passava por muita agressividade e brigas, cobranças com relação ao futuro e a frustração de não ver nada significativo e interessante no presente.

Quando fala-se em atendimentos de crianças e adolescentes e pontua-se a questão da inclusão dos filhos em meio às decisões e mudanças familiares, erroneamente as pessoas tendem a entender pela lógica do senso comum que os filhos precisam consentir totalmente com as decisões e muitas vezes até mesmo pontuam e se defendem dizendo que dessa forma os pais *perderiam* a autoridade. Algo que sempre procuro pontuar no atendimento clínico e venho observado no que tange a migração é como muitas vezes os pais tendem a enxergar seus filhos como mais um *item* a ser levado no processo migratório e poucas vezes enquanto um sujeito que precisa ser incluído e respeitado.

⁴² Abreviação fictícia para a adolescente do caso.

A procura pela análise se deu por decisão dos pais como comentado anteriormente, mas mesmo não tendo partido da jovem, a mesma estava muito aberta e logo do início conseguiu compartilhar muito sobre o que vinha sentindo, a falta que sentia de seus amigos e a sensação que estava tendo de perder o seu processo de adolescência – que enquanto seus amigos estavam tendo suas primeiras experiências do início da adolescência como sair e ir para lugares para se divertir, terem as primeiras experiências sexuais, além do luto de não mais estar estudando na mesma escola em que passou a maior parte da sua vida, local no qual se sentia à vontade e acolhida, e que diferentemente do que vinha acontecendo no novo país, conseguia ter boas notas, enquanto se sentia falhando mais e mais a cada dia no novo sistema de ensino e diante da nova realidade.

A jovem também trazia a revolta que tinha com relação aos seus pais por estar morando nesse novo país em nome de um futuro melhor sendo que ela nunca havia sido questionada sobre qual tipo de futuro ela gostaria de ter em sua vida, e se questionando como ela poderia ter esse futuro sendo que nem ao menos falar a língua ela conseguia. Tudo parecia tão desmotivante e assustador que desde as atividades mais simples às mais complexas tudo era extremamente cansativo, desesperador e sem sentido.

Ouvindo esta família algo que começou a me chamar a atenção era o indicativo que aparentemente nem a mãe, nem o pai e como já estava dito desde o início, nem a filha estavam desejosos por esta decisão de mudança: conversando com os pais, tanto nas sessões quanto na troca de mensagens, ficava claro o que havia entrelinhas: que ninguém desejou estar ali, tudo não passava de uma busca pelo ideal de uma vida no exterior, o ideal do primeiro mundo.

Diante dessa constatação comecei a trazer questões com relação a vida dos pais neste contexto e para surpresa de ambos eles conseguiram verbalizar que em busca de um ideal de vida no exterior como sinônimo de realização profissional para o que idealizaram para a filha é que estavam vivendo essa experiência. Pelo desejo de ambos gostariam de continuar vivendo na cidade natal e tinham até mesmo planos e sonhos de um negócio que poderiam abrir no interior no estado.

Lembro que esta sessão foi bastante impactante, pois a família conseguiu perceber que não estava no desejo de nenhum de seus membros essa experiência, que passar por todos aqueles desafios em prol do futuro da filha estava fazendo com que todos – mas principalmente a jovem que estava em um lugar de profundo adoecimento pois recebeu o peso dessa decisão como sendo de sua responsabilidade e se mostrava com o sintoma da família – estivesse perdendo o seu presente e consequentemente toda a sua possibilidade de futuro. Em nome de um ideal de futuro o presente estava sendo completamente negligenciado, pois em seus discursos vinham muitas frases que diziam sobre um desejo de morte e uma desesperança com relação a toda possibilidade de futuro. Após essa epifania em uma sessão dentro de pouquíssimo tempo, a família começou os procedimentos para a volta para o Brasil, pois foi nítido que nenhum deles estava feliz e que não fazia sentido nenhum para eles continuarem na França.

Infelizmente, o momento em que esse processo de retorno se iniciou coincidiu com o início da pandemia de Covid 19, situação que fez com que esse retorno tão sonhado e desejado pela paciente fosse drasticamente abalado, pois diante da necessidade de distanciamento social ela teve seu contato com os amigos também abalado.

A pandemia também foi bastante complicada para a continuidade do tratamento analítico, pois com a nova dinâmica social e com todos em casa, a paciente não estava se sentindo confortável para seguir com os atendimentos online.

Lacan escreve em 1959, no seminário a Seminário VII - a Ética da Psicanálise, a ideia de que a dimensão do bem levanta uma muralha poderosa na via do desejo, o que implica a cada um, uma necessidade de um repúdio radical a um certo ideal do bem, pois aquilo que está na lógica do bem e generalista, possivelmente exclui aquilo que é individual do desejo de cada sujeito. Portanto, é válido considerar que promover um ideal de gozo impossível como meta provoca mais angústia do que prazer, mais conflito do que satisfação em si.

A partir das reflexões de Lacan, Melman (2008) escreve sobre os novos posicionamentos subjetivos emergentes na contemporaneidade, descrevendo o fenômeno que ele chama de paranóia social ou paranóia da vida cotidiana. Segundo Melman, os dispositivos sociais atuais contribuem para que os indivíduos ajam de maneira delirante, seguindo um modelo estrutural paranóico. Ele define a paranoia como "a certeza para um sujeito de ter o saber da verdade, da verdade absoluta" (p. 13), uma verdade que é vista como redentora, capaz de corrigir todas as falhas nas esferas familiares, sociais e políticas. Todos somos tentados por essa possibilidade de ter o conhecimento da verdade que o paranoico possui que promove a ideia de um saber ilimitado, capaz de proporcionar um domínio completo da realidade, eliminando a categoria do impossível. Isso é amplificado pelo discurso contemporâneo e radical que tende a demonizar certas coisas e idealizar outras, como por exemplo o tema tratado do ideal da vida no exterior como sendo a solução para todas as questões que a jovem poderia enfrentar em sua vida.

A busca de uma suposta felicidade plena e ideal se faz presente, em contraposição aos intensos sofrimentos que fazem parte da miséria humana, que se tornam ainda mais intensos e difíceis de lidar quando o desejo e a individualidade de cada sujeito são ignorados fazendo com que todos se encaixem em caminhos que não lhes fazem sentido. O sofrimento fica nítido quando se vive em função da realização de Ideais impostos direta ou indiretamente pela sociedade, fazendo com que a referência deixe de ser a realização de si e passe a ser uma resposta ao Outro, fazendo com que o sujeito se depare com uma busca de uma completude que nunca virá da forma que se espera.

Apesar deste desfecho repentino por conta da pandemia, considero esse caso um dos mais significativos da minha carreira, pois pude ver através dele claramente questões relacionadas à adolescência e a imigração, me deparei com a complexidade e o impacto da imigração dita voluntária, se mostrando forçada por motivos inconscientes para adultos e forçada para crianças e adolescentes que se vem como reféns de seus responsáveis.

Referências

Rosa, J.G. (1994) *Grande Sertão: Veredas*. Nova Aguilar, 1994.

Lacan, J. (1959) *A ética da psicanálise* (Seminário VII) Jorge Zaar.

COMO CITAR ESTE TEXTO:

Nascimento, J. M. S. (2026). Quando o sonho do país ideal em busca do futuro põe em risco a existência presente. Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia, v. 12, n.1, 148-157. <https://dx.doi.org/10.59068/24476137sonho>

RECEBIDO EM: 24/05/2024
APROVADO EM: 25/08/2025